

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXV

JANEIRO A ABRIL

DE 1924



MONTEIRO LOBATO & C.
Editores São Paulo

INDICE DO VOLUME XXV

	Pgs.
O Conde Keyserling e a escola de sapiencia na Allemanha — H. Fitzler	3
Borges de Medeiros (II) — Villar Belmonte	6
Madrugada gaucha — Homero Prates	9
Estudinhos de portuguez — José Patricio de Assis	13
Mealhas etymologicas — Francisco Luiz Pereira	17
O ultimo dia da mocidade — José Mesquita	20
Pasteur e a biologia — Ulysses Paranhos	27
O "Rush" em New-York — Orlando Machado	34
A bacía do Amazonas — A. D. de Mirandeara	38
Uma caçada — Carlos Kiellander	45
Academia Brasileira de Letras — Arthur Motta	50
Bibliographia — Redacção.	57
Resenha do mez	70
Notas do exterior	82
Debates e Pesquisas	86
Curiosidades	92
Caricaturas do mez	95
O momento — P. P.	97
A posse e a defeza do habitat brasileiro — Haddock Lobo	100
O crime do moço verde — Julio Cesar da Silva	114
O vento — Luiz Aranha	121
Viver — Alcides Flavio	123
O abacaxi — A. C. Couto de Barros	126
A evoluçào do ensino primario no Brasil — Oswaldo Orico	130
O excommungado — João Pinheiro	135
O futuro dos povos — Villar Belmonte	151
Bibliographia — Redacção	158
Resenha do mez	164
Debates e Pesquisas	183
Curiosidades.	188
As caricaturas do mez	192

	Pgs.
O momento — P. P.	193
Notas sobre a colonização em São Paulo — Antonio Prado	195
A orquestra — Medeiros e Albuquerque	200
A receita — José Geraldo Vieira	205
Estudinhos de português — José Patricio de Assis	208
O mergulhador — Carlos Alberto de Araujo	211
Os cantores pobres da cidade — Oswaldo Orico	212
Blaise Cendrars — Mario de Andrade	214
A volta á musica pura — Renato Almeida	224
O futuro dos povos — Villar Belmonte	227
A botânica no dicionario de Candido de Figueiredo — Ed. Navarro de Andrade	235
A mais bella — Iago Joé	241
A "Roughness" em New-York — Orlando Machado	248
Bibliographia — Redacção	251
Resenha do mez	255
Debates e pesquisas	267
Curiosidades	272
Notas do Exterior	278
Radio-Notas — Redacção	283
As caricaturas do mez	285
O momento — P. P.	289
A conquista do Sertão — Haddock Lobo Filho	291
Graça Aranha e o humorismo — A. C. Couto de Barros	307
O bedel — Godofredo Rangel	313
Cartões Postaes — Sergio Milliet	317
Borges de Medeiros (III) — Villar Belmonte	319
O amante do outro mundo — Julio Cesar da Silva	325
Mealhas etymologicas — Francisco Luiz Pereira	336
Está o Brasil superarmado? — Helio Lobo	340
A bacia do Amazonas — A. D. de Mirandeira	348
Bibliographia — Redacção	354
Resenha do mez	361
Debates e pesquisas	372
Notas do exterior	377
Radio-Notas — Redacção	380
As caricaturas do mez	382



A EVOLUÇÃO DO ENSINO PRIMARIO NO BRASIL

(ESTUDO DE SYNTHESE)

SE procurarmos a origem do pessimismo que, por vezes, atormenta a imaginação de alguns homens, fazendo com que descreiam da atitude cívica da raça em presença dos movimentos sociais, diante da vida que se agita, vamos encontrar-o na falta de uma educação histórica eficiente. A chronica dos periodos em que se assenta a origem da evolução ethnica da nação que formamos não é um caricioso euphemismo. Ella existe, muito bella na sua paisagem, a desafiar com um magnanimo repto, a argucia dos pensamentos, a procurar penas leves e ducteis que a integrem na harmonia estylisadora, sem a qual todas as creações são imprecisas e todos os monumentos são informes. Nem de outra forma se fizeram as commovidas narrações que marcam a legenda victoriosa dos povos do passado, senão arrancando com habilidade e graça, do symbolo primitivo, a leve imagem airosa.

Diz-se vulgarmente que não temos passado, como se a formula do soffrimento e do desencanto que perseguiu o evoluir da força e da idea nacional não repousasse numa definitiva marcha, capaz de assegurar o contrario. Precisamos desfazer a theoria ingloria de que, dos instantes amargos da nossa formação, não resultaram episodios eminentes.

O amor á terra deve de acompanhar o amor ao espirito da raça. E se artificialismos, por vezes, uma fadiga natural aos povos scepticos, é esse artificialismo decorrente da má instrução applicada á intelligencia infantil. Como poderíamos conhecer e amar a virtude historica da Patria, se nos habituamos, de principio, a uma visão confusa e espessa, que os mestres não clarificam e que os methodos não abrandam? A esse ponto chega a tempo o capitulo em que o sr. Ronald de Carvalho traça, no "Espelho de Ariel", o schema dessa idiosyncrasia. Difficilmente poderíamos formar melhor idea das nossas origens do que aquellos recrutas famosos que Henrique Houssaye gisa na "Patria Guerreira". Conta elle que, durante um prolongado repouso no acampamento, certo capitão se lembrou de perguntar a um

jovem soldado o que sabia a respeito de Joanna d'Arc. Ao que, promptamente, lhe foi respondido: — Uma rainha da França, queimada pelos prussianos em 1870. Desconsolado, mas seguro de que estava em presença de uma triste excepção, chegou-se a outro, e fez igual pergunta. Joanna d'Arc? — Uma cavalleira do tempo de Henrique IV; morreu sobre um rochedo...

Se endereçarmos perguntas que nos digam respeito a nós, piores serão os resultados, porque, a nós, não nos falta apenas a educação visual na belleza historica. Os nossos bellos episodios ainda se não destacam do nivel melancolico das descriptivas rotineiras, e só agora, um que outro espirito inquieto e fascinado tenta assimilar a esthetica dos factos, criando a curiosidade dos relevos. Nesse descaso estava, em grande parte, a indifferença por tudo quanto de extraordinario se realizou nos seculos em que alicerçaram a nossa unidade.

Quando a intelligencia dos contemporaneos e dos vindouros tallar a forma sympathica e atrevida com que os capitães-generaes da estirpe crearão o enthusiasmo da tradição brasileira, as medalhas doricas, os camaféis corinthios e do Renascimento passarão de moda, o pomar doirado e rubro em que floresceu a aristocracia fidalga campeza de Luiz XV restará no isolamento das alamedas sombreadas e espadachins romanticos da meia-idade e *condottieris* gaulezes e ibericos darão passagem ao valor epico dos personagens das bandeiras e ao romance heroico do espadachim meridional.

Precisamos crear a solidariedade a que se refere o volume claro de La Fosse.

Precisamos ser solidarios com a dor dos antepassados, imaginando-os sempre dignos de elevação, afeiçoando-nos a elles como a cada individuo do nosso tempo.

Criemos, pois, no scenario das nossas inquietações, a pagina lyrica da historia. Eduquemos a nossa visão na festa dos aspectos. E que venham os professores de belleza, com as mãos carregadas de rosas, semeal-as junto ás lapides em que se inscreveram os nomes dos nossos Maiores. E que venham os mestres da formação espirital dignificar o fino heroismo daquelles homens curiosos da luta. E que venham os olhares de todos os homens, de todas as cousas, fixar-se no symbolo da grande dor, como se fixam nos marmores de Recoleta as piedades de todos aquelles que bebem no perfil da soffredora imagem de Tantarini, a memoria das angustias que silenciosamente deslizam em lagrimas...

Pouco antes deste exórdio eu fallei das linhas geraes que traçaram directrizes ao nosso tempo. De bom acerto figurou-se-me o preparo de uma synthese, em que pudesse trazer a esta obra o retrospecto das varias pagagens que ficaram nas curvas da nossa historia. Estou mesmo que não deixaria de haver uma certa curiosidade no conto do modo pelo qual se estabeleceram, no Brasil, os primeiros methodos de educação, após a conquista. A primeira perspectiva é quasi a primeira allegoria. Habitos negros de jesuitas, vestindo a piedade de Nobrega, Luiz da Gran e Anchieta abrem o catholicismo entre as selvas, e atravessam, carinhosamente, os dois primeiros governos geraes, ensinando os prolegomenos da nova lingua, por entre os influxos theocraticos que vieram a formar os reductos intellectuaes de Piratininga e Todos os Santos. A primeira cultura espalhada nas terras de Santa Cruz obedeceu á cadencia da pedagogia monastica em que se foram formando individuos letrados e pouco praticos, afeitos ás letras mais que á actividade productiva dos campos, e cujos smiles se conjugam, perfeitamente, na figura canhestra da Gregorio de Mattos, discipulo da casistica monacal, incapaz de bastar-se a si mesmo quando a sua mordacidade pusillanime soffreu a vindieta de D. João de Lencastre.

Assumindo a regência da política portugueza, Sebastião José de Carvalho e Mello começou a cavalgar o espirito de D. José I; as sotanas soffreram o desagradavel contacto das vassouras anti-jesuíticas do grande Marquez; por decreto de 3 de setembro de 1759 foi secularizada a docência official na metropole, e, abertos os caminhos que levavam ás cathedras do magisterio publico e ao doutorado de Coimbra, veio tambem a lei que condemnou o processo mnemotechnico que os jesuitas haviam benevolamente ensinado. O Brasil foi uma victima desse processo, ainda no afluente de suas possibilidades. Esse abolicionismo fez com que melhorasse, ao influxo de novas idéas, a methodologia da metropole. Ao revés, ficava a colonia entregue ao seu destino, até que a boa vontade do conde de Rezende, deparando em "estado de pouca e má ordem" a instrução colonial, soube transmitir uma porção de harmonia áquillo que se malharatava ingloriamente. (1)

Começaram então os vice-reis a accumular outro encargo, qual o de fiscalisar, privativamente, as escolas que se fossem creando no Paiz, com a facultade de nomear, pelo melhor conseguir desse nobre objectivo, um "professor em transitio", durante o anno, obedecidas as disposições expressas no alvará de 3 de setembro de 1799. Pouco depois o novo seculo trazia ao vice-reinado a augusta dynastia dos Braganças, acossada por um duplo temporal, o que soprou no continente, com a ameaça de Junot, e o que a surpreendeu nas costas da Bahia.

Em 1808 baixava o Principe D. João o decreto de 17 de janeiro, que resolvia o provimento dos cargos de Gocencia; e a 15 de março de 1816, inspirado por novas musas de Ultra Mar, decidiu-se a crear uma directoria de estudos, que apparentasse qualquer cousa de repartição orientadora. Inexperiente mas bem intencionado, o honesto esposo de Carlota Joaquina, se não tratou de encarar o problema da alphabetisação do Paiz, deslumbrou as vaidades da Sebastianopolis, fazendo nascer nesta risonha Cidade dos Sás a Academia de Bellas Artes, o Conservatorio de Musica, além da dos germes de uma desvolta burocracia colonial.

Não é pois sem uma razão historica que os governos, fascinados por bellas apparencias, descaram do ensino primario, para acudir aos reclamos de uma fragil architectura de fachadas. Da procedencia destas affirmacões diz muito bem a attitude que tomou a classe dos commerciantes, quotizando-se para offerecer a S. A. espontanea e, talvez, ironicamente, os capitães subscriptores e depositados no Banco do Brasil, e cujas rendas se destinavam ao custeio do ensino inferior. Era insufficiente, mas era leveavel. Viria depois o arratel da carne verde com o rendimento do subido *literario* augmentar a porção, sem que das arcas do Reino se resolvesse o Principe a subtrahir uma quantia razoavel á diffusão do ensino, o que levou um chronista elegante e independente, Moreira de Azevedo, a traçar uma fria e acida analyse do que fora a instrução publica nos tempos colonias. pelo órgão do Instituto Historico. Posteriormente um decreto propiciatorio, nos agitados e incertos instantes que precedem ao movimento emancipador, deu a qualquer individuo autoridade de ensinar a ler e a escrever, abrir collegios, propagar idéas boas ou más, ainda mesmo que nenhuma titulo digno fosse apresentado. A nossa legislação sobre o ensino primario assenta, pois, uma lei de exclusa desordem, que parece ter servido de mo-

dolo amado, modificada com o decreto de 29 de janeiro de 1823, de D. Pedro I, que creou os monitores. Pela carta de Lei de 15 de outubro de 1827, adoptando o apprendizado mutuo, determinou-se que em todas as cidades, villas e povoações se creassem tantas escolas quantas se fizessem necessarias á alphabetisação. Os homens desse tempo, observa um fino chronicista, perderam, como se vê, a melhor occasião de tornar effizaz o desenvolvimento da instrução primaria, por influencia do meio hostil.

Mais tarde foram exigidas provas publicas de idoneidade para ambos os sexos, depois do que eram os professores considerados vitalícios, e só demissíveis por sentença judiciaria. Essa benefica lei fixou os honorarios e aboliu a sentença dos castigos corporaes. A esterilidade de antes mudou-se, repentinamente, numa floração de leis. Os bisonhos legisladores do Imperio entraram a namorar o problema, e delle se valiam como um recreio agradavel ao espirito inquieto e curioso. Pelo art. 10, § 2.º do Acto Addicional, passou á alçada das assembleias provinciais a facultade de legislar sobre o assumpto, acreditando-se, como se acreditava, na tendencia de cada homem para estender a fé. Mas os ressabios da desorientação, que ainda se espalhavam em todo o Paiz, commoveram a estirpe dos politicos imperiaes, desde Campos Vergueiro a Bernardo de Vasconcellos, o exaltado tribuno da Regencia. Soffreu ahí o lenecasterianismo o primeiro golpe do Estado, resistindo tanto quanto lhe era possivel, até que a autorisação concedida ao governo para reformar o ensino primario e secundario da Corte veio trazer uma esperança mais feliz. Foi então que se dividiram as escolas em duas classes: de 1.º e 2.º graus.

Em cada parochia, reza a noticia dos factos, era obrigatoria a existencia de, pelo menos, uma das primeiras. Impuzeram-se multas aos paes, tutores ou curadores que mantivessem á sombra dos penates creanças maiores de sete annos, sem incapacidade physica ou moral, e não nas enviassem a frequentar as aulas.

No regime dessa lei, que instituiu tambem o methodo simultaneo, só era permittido abrir collegios mediante approvação previa do inspector geral e aos maiores de vinte e cinco annos, provavelmente habilitados em publico. Modificava-se, assim aos poucos, a legislação da escola primaria, abrindo-se ilhargas ao grande debate civico em que se empenharam na defesa de poderosas idéas, Paulino Soares de Sousa, João Alfredo, Ruy Barbosa.

A Leocicio de Carvalho coube a gloria de obter, pelo decreto n.º 7.247, de 19 de abril de 1879, a lei que compellia a cursar disciplinas do 1.º grau todos os individuos de ambos os sexos, de 7 a 14 annos de idade, residentes a distancia menor de um e meio kilometro para os meninos, suavizadas um pouco as distancias para as meninas.

Atravessando um periodo mais liberal, já se promptificava o Estado a amparar a pobreza infantil, dando-lhe vestuários e livros. O numero de escolas augmentava, reclamando um instituto destinado a formar educadores, quando a 5 de abril de 1880 abriram-se as aulas da Escola Normal do Municipio, fructo do decreto n.º 7.684, de 6 de março do mesmo anno. A luta pela theoria começou a intensificar-se, a desdobrar-se. O projecto Sousa Dantas dá origem ao formidavel parecer do relator da commissão de instrução publica na Camara, Ruy Aprimorado e classico, o então deputado pelo Estado da Bahia consubstancia no seu trabalho a clareza e a ordem, o fino gosto, assegurando a liberdade de ensinar, a hacidade e a divisão dos institutos primarios em: *jardins de infancia, elementares, medios e superiores*. E justamente quando a relevantissima questão parecia ganhar harmonia e finalidade pratica, o movimento lyrico de 15 de novembro mudou a feição politica do paiz, obrigando-o a esquecer-se de suas cogitações intellectuaes, para embalar-se ao rythmo da musica victoriosa

(1) Até esse tempo, depois de soffrido e experimentado a influencia de dois de minoria differentes, o hespanhol e o hollandez, tanto num como no outro, entregue á minoria vultuosa do Cardinal Henrique e dos Philippes, como á dynamics feliz do principe Nassau e da "Companhia das Indias Occidentaes", o Brasil permaneceu o seu problema educativo "quasi virgini".
E que o conde Fernengo, preocupado em assegurar a sua victoria no continente e por outro lado, em crear uma sala de armas para os festejos da heraldica e entusiasmo da aristocracia de Olinda, não teve tempo de olhar o resto das cousas.

da joven democracia. Silveira Lobo não consegue desenvolver as possibilidades que levava para a pasta que lhe foi confiada. O momento era de Benjamin Constant, e o grande Ministro delle se aproveitou para remodelar a instrucção primaria, livre, gratuita e leiga, intervindo para que o ensino primario viesse a ficar a cargo da Municipalidade, cousa em que, parece, não andou com muita sabedoria, por não ter a faculdade de avaliar prematuramente a tempera dos futuros legisladores municipaes.

A Constituição Federal, em seu artigo 35, attribue ao Congresso, privativamente § 4.º — prover a instrucção secundaria no Districto Federal, — eliminada a palavra — primaria — que figurava no projecto de 90.

Eis, segundo o testemunho de varios autores, a obra lenta e mofina do nosso credo educativo. Como é de ver, pelo que ahi está exposto, não conseguiram os varios matizes administrativos emprestar uma côr sadia ao organismo escolar. E, se não permanecemos naquillo que eramos, pouco fez, para nos animar, a caricia do poder publico. Nada importa. Devemos apenas nos recordar que ainda temos em nosso favor o minuto de Ariel, e que a toda hora o homem pode libertar-se da gleba, para ascender á luz.

Recordemos a hora que findou, sem prolongar o instante de desanimo que vem do éco immemorial. Problema como este que temos em mãos não se resolve pelo simples desejo ou pela amarga indiferença dos governos aleatorios que chegam, e dos governos voluveis que passam.

Nas cidades como nos campos, á ilharga de um repuxo elegantissimo como ao lado de uma fresca cisterna, velando a limpidez da agua que corre, é sempre possivel ao homem ser dono de seu desejo, e poder dar um cantaro de agua a quem lhe pede, e fazer com que, ao seu redor, não falte o licor que gerou a primeira alegria.

Rio, 1923.

OSWALDO ORICO

